



DOSSIÊ TEMÁTICO:

ÁFRICA(S) E EDUCAÇÃO ANTIRACISTA NA SALA DE AULA NA ÁFRICA E NO BRASIL

Artigo



A EXPRESSIVIDADE NOS CANTOS RITUALÍSTICOS DE VISSUNGOS

EXPRESSIVITY IN VISSUNGOS' RITUALISTIC SONGS

EXPRESIVIDAD EN LOS CANTOS RITUALISTAS DE VISSUNGOS

Por Luana Vianna da Silva

79

Luana Vianna da Silva
Mestre em Estudos Linguísticos pela
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
(UERJ).
Contato: lua.viannas@gmail.com

Recebido: 12/04/2024
Aceite: 20/04/2024

Como citar:
SILVA, L.V da. A expressividade nos
cantos ritualísticos de vissungos.
Boletim GeoÁfrica, v. 3, n. 9, p. 79-96,
jan.- mar. 2024.



RESUMO: O pressuposto de que as variedades populares do português brasileiro foram influenciadas pelas mudanças induzidas entre o contato das línguas em sua formação norteia a proposição de uma “variedade afro” do português, tal como postula Lucchesi (2009). Entre as mais variadas formas de dominação presentes nesse contexto, a língua de superstrato ou língua-alvo, que se entende como a do grupo dominante, se impõe de modo que os usuários de outras línguas, em sua maioria adultos, são induzidos a aprendê-la, apesar das condições bastante precárias de aprendizado, em virtude de marginalização dos indivíduos. Na visão de Lucchesi (2009), ao levarmos em consideração as falas das comunidades afrocentradas do campo, tem-se a variedade do português mais influenciada pelo contato entre as línguas. Desse modo, surge o português afro-brasileiro, fruto dos processos de mudanças, por meio do contato entre as línguas, baseados em uma transmissão irregular, além de estarem associados a outros fatores, como intercorrências históricas, que forjaram as comunidades da diáspora. Entendidos como expressão de uma comunidade étnica, os vissungos ocupam um lugar de grande relevância para as comunidades das quais fazem parte. Tal pensamento nos leva a crer na estreita relação entre língua e a expressão cultural de uma dada etnia. A hipótese desta pesquisa é a seguinte: se o português foi afetado, em seu desenvolvimento histórico, pelo contato maciço entre línguas de tronco linguístico banto, as consequências desse processo serão notáveis nos vissungos, os cânticos de mesma origem que representam as manifestações de afro-brasileiros durante os momentos de força laboral. Por fim, esta dissertação tem por objetivo analisar os traços da transmissão linguística irregular nos vissungos, com base nos prismas morfosintático, fonético e lexical.

PALAVRAS-CHAVE: Português brasileiro. Transmissão linguística irregular. Vissungo.

ABSTRACT: The assumption that the popular varieties of Brazilian Portuguese were influenced by the changes induced by the contact of languages in their formation guides the proposition of an "Afro variety" of the Portuguese, as postulated by Lucchesi (2009). Among the most varied forms of domination present in this context, the superstratum language or target language, which is understood as that of the dominant group, imposes itself in such a way that the users of other languages, mostly adults, are induced to learn it, despite the very precarious learning conditions, due to the marginalization of individuals. In Lucchesi's (2009) view, when we take into account the speeches of the Afrocentric communities in the countryside, the variety of Portuguese is more influenced by the contact between languages. In this way, the Afro-Brazilian Portuguese emerges, the result of the processes of change, through the contact between languages, based on an irregular transmission, in addition to being associated with other factors, such as historical interurrences, which forged the diaspora communities. Understood as an expression of an ethnic community, the vissungos occupy a place of great relevance for the communities of which they are a part. Such thinking leads us to believe in the close relationship between language and the cultural expression of a given ethnicity. The hypothesis of this research is the following: if the Portuguese was affected, in its historical development, by the massive contact between languages of Bantu linguistic trunk, the consequences of this process will be noticeable in the vissungos, the songs of the same origin that represent the manifestations of Afro-Brazilians during the moments of labor force. Finally, this dissertation aims to analyze the traces of irregular linguistic transmission in vissungos, based on morphosyntactic, phonetic and lexical prisms.

KEYWORDS: Brazilian Portuguese. Irregular linguistic transmission. Vissungo.

RESUMEN: La suposición de que las variedades populares del portugués brasileño fueron influenciadas por los cambios inducidos por el contacto de las lenguas en su formación orienta la propuesta de una "variedad afro" del portugués, postulada por Lucchesi (2009). Entre las más variadas formas de dominación presentes en este contexto, la lengua superstrato o lengua meta, entendida como la del grupo dominante, se impone de tal manera que los usuarios de otras lenguas, en su mayoría adultos, son inducidos a aprenderla, a pesar de las condiciones de aprendizaje muy precarias, debido a la marginación de los individuos. Para Lucchesi (2009), cuando se tienen en cuenta los discursos de las comunidades afrocentricas en el campo, la variedad del portugués está más influenciada por el contacto entre lenguas. De esta manera, emerge el portugués afrobrasileño, resultado de los procesos de cambio, a través del contacto entre lenguas, basado en una transmisión irregular, además de estar asociado a otros factores, como las intercorrencias históricas, que forjaron las comunidades de la diáspora. Entendidos como expresión de una comunidad étnica, los vissungos ocupan un lugar de gran relevancia para las comunidades de las que forman parte. Este pensamiento nos lleva a creer en la estrecha relación entre la lengua y la expresión cultural de una etnia determinada. La hipótesis de esta investigación es la siguiente: si el portugués fue afectado, en su desarrollo histórico, por el contacto masivo entre lenguas de tronco lingüístico bantú, las consecuencias de este proceso serán notorias en los vissungos, los cantos del mismo origen que representan las manifestaciones de los afrobrasileños durante los momentos de fuerza de trabajo. Finalmente, esta tesis tiene como objetivo analizar las huellas de la transmisión lingüística irregular en vissungos, a partir de prismas morfosintáticos, fonéticos y léxicos.

PALABRAS CLAVE: Portugués brasileño. Transmisión lingüística irregular. Vissungo.



INTRODUÇÃO

Os mais de 300 anos de tráfico negreiro, fruto do sistema escravagista a que o Brasil foi submetido, resultaram nas amálgamas linguísticas para a formação do português brasileiro. Segundo Bonvini (2013), existem ciclos relevantes acerca da origem dos africanos sequestrados pelos europeus. Com base nisso, entende-se que, no século XVI, predominou-se a entrada de indivíduos do Congo e de Angola; no XVII, os oriundos de Costa da Mina; no XVIII, os vindos da baía do Benin. Para Peter (2006), o português brasileiro (PB) é um desdobramento das rupturas sofridas pelas línguas africanas, por meio de um pano de fundo completamente heterogêneo, em que se contemplou o contato das expressões linguísticas indígenas, africanas e portuguesas.

Na visão de Lucchesi (2009), ao levarmos em consideração as falas das comunidades afrocentradas do campo, tem-se a variedade do português mais influenciada pelo contato entre as línguas. Desse modo, surge o português afro-brasileiro, fruto dos processos de mudanças, por meio do contato entre as línguas, baseados em uma transmissão irregular, além de estarem associados a demais fatores, bem como perspectivas históricas, que forjam as comunidades da diáspora. Ao adentrar na realidade linguística dos coletivos africanos em nosso tecido social, encontra-se riqueza, oriunda justamente dos processos de mistura entre os falares.

Entendidos como uma expressão de uma comunidade étnica, os vissungos ocupam um lugar de grande relevância para as comunidades das quais fazem parte. Tal pensamento nos leva a crer a estreita relação entre língua e etnia. Em Dorian (1999), tem-se um estudo valioso para compreender os vínculos entre os falares e um grupo. Afirma-se, então, que existem dois tipos de ligação entre um grupo étnico e sua linguagem. No primeiro, a língua serve a seus usuários como um marcador de identidade, como um traje tradicional ou um elemento da culinária, por exemplo. Já no segundo, uma língua étnica está ligada à historicidade de um determinado coletivo, fato que carrega um cabedal de conhecimento cultural especial. Além do mais, geralmente, transmite-se uma literatura oral muito relevante, o que o representa justamente a ligação da língua ancestral com os indivíduos que a falam.

Em meio ao silenciamento histórico da presença dos troncos linguísticos no Português Brasileiro, torna-se indispensável contemplar esses conteúdos no corpus escolhido justamente para representar os traços estilísticos presentes no entrecruzamento das línguas. Para tanto, escolheram-se dois cantos ritualísticos, chamados de vissungo. O primeiro apresenta o título de



Cangoma me chamou, música gravada em 1966, no LP solo, *Clementina de Jesus* para elucidar os mecanismos relevantes da expressão artística que remonte aos espaços de África. Já o segundo, consta na pesquisa de Machado Filho (1985), em que, originalmente, não há título, mas, a efeito de organização deste artigo, será chamado como Vissungo II.

Nesse sentido, o presente artigo objetiva desvendar relevantes considerações teóricas dos troncos linguísticos africanos, para que, ao final, seja possível compreender o uso expressivo de tais línguas na representação do nosso falar. Cabe ressaltar não apenas as referências acerca da história e da transformação das expressões africanas, mas também as teorias que forjam a base do estilo, como um elemento indissociável do texto. Portanto, os esforços estarão concentrados na validação de que a nossa língua materna, em virtude do processo histórico brasileiro, é constituída pela visão contatista, sobre a qual Lucchesi (2012), nossa fundamentação teórica, debruça-se. Nessa visão, este estudo pretende contribuir de maneira valiosa para os próximos pesquisadores que desejem discorrer sobre as elaborações valiosas do Português Brasileiro (PB).

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Segundo Nascimento (2003), a língua africana- tomada de caráter étnico- que mais sobressai nos mencionados cânticos ancestrais é o Kimbundu, pertencente à vasta família de origens banto. Segundo Novo Dicionário Banto do Brasil, de Nei Lopes (2012), este termo, em português, serve para indicar um extenso grupo de línguas e dialetos negro-africanos. Segundo Balandier (1968), o termo foi usado primeiramente por Wilhelm Bleck, filólogo alemão, o qual empregou o vocábulo para caracterizar falares nos quais a palavra nomeia seres humanos é “-ba-ntu” (singular: mu-ntu), sendo “-ntu” o radical, enquanto “-ba” é o prefixo, responsável por indicar plural.

Ainda em Balandier (1968), alguns teóricos no campo das linguagens como Bleick e Meinhof, apresentaram o grau de familiaridade existente entre, aproximadamente, as 500 línguas do mencionado grupo, faladas na África Negra, que teriam se constituído, por meio da hipótese de uma antiga língua comum. Com base nisso, esta, reconstruída cientificamente e chamada de ‘probanto’, fundamenta-se em cerca de 3.000 raízes, vistas nas línguas bantas. Para Lopes (2012), as principais características que irmanam essas línguas são:



- a) O fato de as palavras, presentes nessas línguas e em seus dialetos, estarem agrupadas, por meio de classes, em função de sua natureza, seu uso;
- b) O fato de as mencionadas classes serem expressas por meio de prefixos, exceto o substantivo próprio ou algum elemento que for equiparado a ele; o nome não se enuncia sem seu prefixo de classe;
- c) O fato de esses prefixos acompanharem o substantivo e todos os vocábulos subordinados a ele (ou ainda ao pronome)
- d) O fato de a conjugação dos verbos também se vincular aos prefixos; e os sufixos, quando usados, o são, sobretudo, a fim de designar modalidades de ação do mesmo verbo.

Nos dias de hoje, com base nos estudos teóricos que atestam o grau de familiaridade entre as línguas bantas, é possível estender a terminologia “banto” para um adjetivo. Os povos que falam as línguas bantas são denominados de bantos. Assim, tudo que for relativo aos bantos, torna-se banto, como, por exemplo, o mundo banto, as culturas bantas. Para além disso, na modernidade, é possível encontrar mais elementos culturais do complexo banto, tal como a medicina tradicional ou arte contemporânea.

Antes de tudo, torna-se importante salientar as distinções entre dialeto e língua, já que, por conta das raízes do racismo antinegro, com aponta Lopes (2012), é comum, no Brasil, o processo de redução das línguas africanas à condição de dialetos. Em Saussure (2006), considera-se a língua como um fato social distinto, por várias características, dos outros fatos sociais humanos, como as instituições políticas, jurídicas etc. Portanto, a língua consiste num sistema de signos utilizados pelo homem para exprimir conceitos, ideias, dar sentido às coisas e aos fenômenos. O indivíduo utiliza-se da língua para comunicar-se, mas ele não pode criar a língua nem tampouco pode modificá-la. A língua existe somente conquanto se estabeleça a concordância tácita dos indivíduos de uma comunidade linguística acerca dos conceitos do sistema de signos. Os falantes, por sua vez, devem ter internalizada (o que acontece de forma passiva) a amplitude dos significantes e significados do sistema da língua para que a mensagem seja compreendida e a comunicação se efetive.

Já em Coutinho (2011, p. 24), “língua é a linguagem particularmente usada por um povo”. Do que se pode compreender, ainda, o caráter social da língua, a partir do momento que um determinado povo “se apropria” e faz uso dela. Desse modo, temos, então, o conceito de língua como pertencente ao caráter de um povo, e como um símbolo da nacionalidade desse povo, assim, “[...] é em grande parte a língua que constitui a Nação.” (Saussure, 2006, p. 29). Contudo, o caráter nacional da língua, como entidade que representa o falar de um povo, pode não estar restrito a apenas uma nacionalidade. Uma língua pode, assim, pertencer a várias



nacionalidades, e uma nação pode ter várias línguas, coexistindo e sendo utilizadas paralelamente. Por exemplo, o francês é a língua oficial de, aproximadamente 30 países, em regiões do planeta muito distintas. Entretanto, em muitos desses países, o inglês é apenas a língua oficial, o que não significa que seja adotado por todos os falantes da sua população.

Já se entende como dialeto, qualquer outra forma da língua que “não seja a oficial de um país” (Bizzocchi, 2006, p. 12). Um dialeto é um desdobramento da língua, a qual se diversifica, variando conforme as regiões de determinado território, de acordo com as diversas camadas socioeconômicas comunidades linguísticas, por questões de natureza política e histórica etc., carregam em si o estigma da forma errada de falar, imposto pela normatização da língua, e por isto passam a ser considerados fora da lei, formas marginalizadas da língua. “Como uma norma social, o dialeto é uma língua excluída das normas cultas.” (Mané, 2012, p. 43).

Uma vez que se entende que o bantu representa um tronco linguístico, é viável compreender que, na verdade, o kimbundu é a língua mais reconhecida nos cânticos ancestrais chamados vissungos. Portanto, trata-se de uma língua- e não um dialeto- que se faz presente entre as mais de 500, bem como indica Lopes (2012). Segundo Batalha (1891), Chatelain (1888-1889) foi o primeiro a defender o emprego de kimbundo para designar a língua, porque era essa a denominação que lhe era dada por seus falantes. Nas palavras de Chatelain, Kimbundu [...] é o termo vernáculo, dizendo os pretos d’Angola, os a-mbundu: o kimbundu, em kimbundu, fallar kimbundu [...]. Os vocabulos mu-mbundu, um preto ou uma preta, a-mbundu, pretos ou pretas e ki-mbundu, linguagem de pretos constam de uma base commum mbundu e dos prefixos mu-, a- e ki-, significando mu- pessoa, a- pessoas e ki- linguagem. (Chatelain, 1888-89: xi).

Já no século XXI, para Xavier (2010), a utilização da palavra kimbúndù é uma realidade incontestável [...] tanto na designação de sua língua quanto de seu grupo étnico, em preferência sobre o termo ‘ambundo’ [...] Assim, o nome múmbúndù (singular de àmbúndù), em contrapartida, ainda é utilizado pelos falantes de quimbundo para designar qualquer homem negro africano, por oposição ao termo mùndélé, qualquer homem branco, seja ele africano ou não. (Xavier, 2010, p.4).

Em Xavier (2010), indica-se que o continente africano apresenta 2110 línguas, o que demonstra um terço das línguas do mundo, tal como afirma Ethnologue 16 (Lewis, 2009). De acordo com a repartição linguística inicialmente proposta e sistematizada por Greenberg (1950-1963) e reiterada pelas atuais de Heine e Nurse (2000), as mencionadas línguas constituem quadro grandes troncos: o nígero-congolês com 1495 línguas em 9 famílias; o nilo-saariano com 197



línguas em seis famílias; o afro-asiático com 353 línguas em seis famílias e o coissã com 22 línguas, distribuídas em três grupos.

De acordo com Xavier (2010), o tronco linguístico nigero-congolês é o mais vasto geograficamente, sendo o que mais possui falantes. Ele, por sua vez, se subdivide em onze famílias, em que dez estão se localizam na Nigéria: defoide, edoide, nupoide, idomoide, iboide, cross-river, cainjii, plantoide, tacaroide, jacunoide. No leste da Nigéria, encontra-se a subfamília bantoide, justamente onde se insere o subgrupo das línguas bantas, dentre elas, está o quimbundo.

As línguas bantas influenciaram fortemente o português brasileiro tanto na fonética, na morfologia ou ainda na sintaxe. Entretanto, no vocabulário, é justamente a “seção” em que essas transmissões são mais sólidas e quantitativas. No livro *Africanos no Brasil*, de Nelson de Senna (1938), existe uma crítica sobre a insuficiência de dicionários que explorassem a riqueza vocabular presente no português falado em nossas extensas terras.

Segundo Machado Filho (1985), os vissungos, cânticos de origem banta, representam as manifestações dos negros quando entoavam nas funções laborais da mineração de diamantes. Inclusive, o presente autor foi o responsável por introduzir esse termo nos dicionários brasileiros. Desse modo, com base nas origens do Umbundo, em que a palavra “ocisungo”, que se traduz como “hino”. Sua forma no plural é “ovisungo”, termo traduzido como canto, música. Essas manifestações culturais se originam do estado de Minas Gerais. A região foi povoada nos últimos anos do século XVIII, em função da descoberta dos diamantes. Não à toa, o nome do distrito dado a essa região é Diamantina. Em 1883, iniciaram-se as primeiras habitações, edificadas por afro-brasileiros no processo de mineração. Os cânticos suscitam as práticas sociais para suavizar as dores e as angústias da escravização.

Destaca-se que Machado Filho foi o primeiro a investigar, em 1928, as cantigas na mencionada localidade. Foram identificadas algumas inteiramente em português; outras, com vestígios de termos africanos e ainda poucas em que não se viam rastros de elementos vernáculos. Primeiramente, publicado na *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, entre os anos de 1939 e 1940, o resultado de Machado Filho sobre a pesquisa dos cantos da tradição banto é um relevante referencial para o presente estudo.

Além do mais, espera-se associar o conteúdo linguístico de origem africana aos ensinamentos sobre Estilística. Etimologicamente, o vocábulo "estilo" oriunda do latim "stylus" (ou "stilus") - estilete ou haste metálica, achatado numa das extremidades e agudo na outra,



com o qual os antigos escreviam em tabuletas de cera. Se voltarmos ainda mais ao passado, veremos que a transformação semântica não foi a primeira sofrida pela palavra "estilo". Origina-se do grego "stulos" e significava coluna, estaca ou pilastra. Nesse sentido, os vocábulos peristilo e estilita, ambos derivados de estilo. Por exemplo, em arquitetura, o primeiro significa, entre outras coisas, um conjunto de colunas isoladas em torno de um edifício ou pátio, e o segundo designa o anacoreta ou santo que adotava por morada o alto de uma coluna.

Para além disso, o estilo é a feição peculiar de uma época, de um gênero. É o uso, o costume, seja na literatura ou na indumentária, seja no mobiliário ou nas artes. Do ponto de vista literário, é a maneira individual de expressão de cada escritor. Cada gênero literário corresponde um estilo, mas este refletirá sempre a psicologia do escritor, mesmo quando sua obra revele a influência profunda de determinado autor ou escola literária.

Para Nilce Sant'Anna Martins (2009), as noções fundamentais da estilística já existiam na retórica, tais como o desvio, a escolha, a expressividade e o efeito provocado no leitor ou ouvinte. Ainda que o assunto tenha se enquadrado como disciplina ligada à linguística a partir do século XX, alguns preceitos da Antiguidade que já apontavam interesse pela questão estética da linguagem. No contexto da linguística moderna, a estilística compreende as relações entre língua, pensamento e locutor, envolvendo figuras de linguagem-também chamadas de recursos estilísticos ou expressivos-, aspectos fonéticos, sintáticos e semânticos das construções textuais, além dos gêneros textuais e as intenções comunicativas de quem escreve o texto

Por isso, Martins (2009) caracteriza-se por ser uma obra com panorama da expressividade linguística da Língua Portuguesa, em que se identificam aspectos fonéticos, semânticos e sintáticos, por isso será alvo das nossas diretrizes. Por isso, a Estilística, entendida como disciplina linguística que se destina a estudar a expressão em seu sentido estrito de expressividade da linguagem, apresenta distinções valiosas, que nos ajudarão a reconhecer a Gramática, justamente porque evidencia a capacidade de emocionar e de sugestionar, como se nota em Azeredo (2008).



O QUE SÃO OS VISSUNGOS

Segundo Machado Filho (1985), os vissungos, cânticos de origem banto, representam as manifestações dos negros, entoados nas funções laborais da mineração de diamantes. O próprio Machado Filho, aliás, foi o responsável por introduzir esse termo nos dicionários brasileiros. Desse modo, com base nas origens do Umbundo, a palavra “ocisungo” se traduz como “hino”. Sua forma no plural é “ovisungo”, termo traduzido como canto, música. Essas manifestações culturais se originam do estado de Minas Gerais. A região foi povoada nos últimos anos do século XVIII, em função da descoberta dos diamantes. Não à toa, o nome do distrito dado a essa região é Diamantina. Em 1883, iniciaram-se as primeiras habitações, edificadas por afro-brasileiros no processo de mineração. Os cânticos suscitam as práticas sociais para suavizar as dores e as angústias da escravização.

87

Destaca-se que Machado Filho foi o primeiro a investigar, em 1928, as cantigas na mencionada localidade. Foram identificadas algumas inteiramente em português; outras, com vestígios de termos africanos e ainda poucas em que não se viam rastros de elementos vernáculos. Primeiramente publicado na Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, entre os anos de 1939 e 1940, o resultado de Machado Filho sobre a pesquisa dos cantos da tradição banto é um relevante referencial para o presente estudo.

Alguns anos depois, em 1943, pela editora José Olympio, foi publicada a primeira edição do livro, fruto de estudos realizados desde 1939. A última publicação deu-se em 1985, pela Itatiaia, em coedição com a Edusp, edição que, a propósito, ainda se encontra no mercado. Foram identificadas 65 cantigas, com letra, música e tradução, além de dois glossários em língua banguela, que o autor nomeia como “dialeto crioulo”. Apesar disso, no mesmo trabalho, especificamente no capítulo 9, em que se apresentam as letras das cantigas, Machado Filho classificou os cânticos em grupos, como: padre-nossos, cantos de trabalho, cantos da manhã, ou ao nascer do dia, canto do meio-dia, cantigas de multa, cantigas de caminho, cantigas de rede e de caminho, catinga pedindo licença, cantigas gabando qualidades, cantos do negro enfeitado, cantiga de ninar e, por fim, canto do companheiro manhoso. Além disso, em aproximação ao conceito desses “cantos de trabalho” (MACHADO FILHO, 1985, p. 65), vale citar que, “pelo geral, dividem-se os vissungos em boiado, que é o solo, tirado pelo mestre sem acompanhamento nenhum, e o dobrado, que é a resposta dos outros em coro, às vezes com



acompanhamento de ruídos feitos com os próprios instrumentos usados na tarefa” (Machado filho, 1985, p. 65).

Observa-se, portanto, inconsistência na categorização, tendo em vista as informações conflituosas ao longo da explanação sobre o estudo. No entanto, há de se conceber a relevância da pesquisa para os aprofundamentos do que se tem, na atualidade, sobre os cânticos que suscitam o patrimônio imaterial das comunidades rurais remanescentes de Minas Gerais.

Nascimento (2003), depois de sete décadas, apropria-se da mesma região a fim de investigar a descrição do gênero *vissungo* e seu desaparecimento, já que, após a Abolição da Escravatura, em 1888, as manifestações das cantigas tornaram-se mais dispersas. O trabalho de Nascimento (2003) prima por registrar o corpus de apenas 14 cantigas que permaneceram na memória dos cantadores tradicionais da região da Diamantina. Desse modo, instaura uma distinção em relação ao estudo de Machado Filho, em que se identificaram 65 obras, porém a maior parte se perdeu no tempo e na lembrança das comunidades remanescentes.

Em meio a esses estudos teóricos, torna-se valioso aprofundar as investigações sobre os *vissungos* para entender os fenômenos linguísticos a que as cantigas foram submetidas. Cabe salientar que, em 1982, foi lançado pelo estúdio Eldorado um LP em que interpretam as cantigas nomes importantes da música brasileira, como Clementina de Jesus, Tia Doca e Geraldo Filme. Com o desenvolvimento técnico-científico, foi possível eternizar algumas produções que ainda se faziam presentes nas recordações dos cantadores de Diamantina.

Dentre os 65 *vissungos* registrados por Machado Filho (1985), 14 entraram na lista da mencionada gravação. Segundo José Jorge de Carvalho, “a base rítmica escolhida não reproduz o mesmo padrão original, contudo foram usados tipos de ritmos binários, comuns na Umbanda e no Candomblé, como o toque ‘barravento’, ligado à divindade feminina Oyá”. Anos mais tarde, em Azevedo (2016), existem classificações mais precisas quanto aos tipos de *vissungos*. Para o autor, tais cantos ancestrais podem ser divididos nas seguintes categorias: cantigas de protesto ao cativo, cantigas de crenças religiosas, cantigas de desafio e diversão e cantigas de trabalho.

Uma vez que se entendem os *vissungos* como cantos ancestrais entoados no momento de força exploratória dos escravizados, é possível encontrar os atravessamentos e amálgamas entre as línguas dos dominados e a dos dominantes. Diante disso, o cancionário popular a ser apresentado nas próximas seções será a sustentação do pressuposto de que, para haver a



formação do português brasileiro, não se podem negar as elaborações vindas dos povos da diáspora africana em nosso país.

Por meio disso, entende-se a relação entre o vissungo, como traço marcante da cultura afrodiáspórica de origem banto, na composição dos elementos constituintes da nossa língua, uma vez que os cânticos se destinam a narrar e a explorar a vivência dos sujeitos atravessados pelo processo de colonização do domínio europeu. Ao relacionar tais marcas às cantigas, observam-se as evidentes assimilações do povo escravizado, ao aprender a língua de modo incipiente e criando estratégias de reestruturação, com base nas gramáticas internalizadas, oriundas das línguas do tronco banto como o quimbundo, o quicongo e o umbundo. Por esse motivo, mais à frente, encontrar-se-ão hipóteses em que se verificam a estreita relação entre a visão formadora de nossa língua, com base nas nuances históricas, em que se contemplam as narrativas dos escravizados.

ANÁLISE DO CORPUS

Após as considerações sobre o contexto histórico e sobre a relevância dos cânticos, haverá a análise, à luz dos traços linguísticos e estilísticos, de dois vissungos. Primeiramente, serão observados traços estilísticos, nos ancestrais bantos de Clementina de Jesus, no título *Cangoma me chamou*, música gravada em 1966, no LP solo, *Clementina de Jesus*.

Tava durumindo cangoma me chamou

Tava durumindo cangoma me chamou

Disse levanta povo cativo já acabou

A pequena canção, desde o princípio, nos mostra a escrita diferente do verbo dormindo, em sua forma nominal de gerúndio. O termo durumindo é reflexo do processo de mulatalização, descrita em Castro et al (2017). Esse fenômeno é identificado quando existem alterações fonéticas provocadas nas palavras. “Como exemplo de mulatalização por enxerto ou cruzamento, praticada por bantos, sobretudo no Vale do Paraíba, e em várias localidades de Minas, está a deturpação de nomes próprios de pessoas. Assim, o nome Clementina pode ter como base outro: Quelementina”. (Castro et al., 2017, p. 40) Martins (2000) nos diz que [u] - o fonema que sobressai no termo destacado- é uma vogal posterior, a qual tem a possibilidade de “imitar sons profundos, cheios, graves, e sugere ideias de fechamento, redondeza, escuridão, tristeza e morte”. (Martins, 2000, p. 32).



Outro aspecto relevante é o termo *cangoma*, que se apresenta com vieses distintos. No Dicionário Umbandista digital (2009), significa “tambor, instrumento de percussão, pequeno (do quimbundo, ngoma, em sua forma diminutiva, kangoma)”. Em um segundo olhar, de acordo com Lopes e Simas (2017), o termo designa “momento dos escravos das etnias iorubá e banto se reunirem para dançar, tocar e cantar depois de uma longa semana de trabalho forçado. Também era chamado de batuque, um termo genérico para designar os encontros informais nos terreiros”. A marca imperativa *levanta* determina o tom de ordem, de aconselhamento para o interlocutor que, na canção, é representado pelo povo. Sendo assim, é uma ocorrência de chamamento, entendido como vocativo, segundo os manuais de gramática, como se percebe em Rocha Lima (2010). A ausência de pontuação, contudo, fere a regra em que constam as vírgulas, principalmente, como mecanismo para isolar o vocativo.

Além disso, nota-se a presença do termo *disse* como uma ocorrência dos verbos de dizer ou chamados verbo *dicendi*. Eles são responsáveis por auxiliar na reprodução ou ainda a suposta reprodução fiel e textual das palavras e ações dos interlocutores dos discursos e dos diálogos. (Bechara, 2002). Para Martins (2000), os verbos elocutivos são responsáveis por estabelecer um elo entre enunciados distintos, assim como revelar um valor estilístico. Segundo Castro et. al (2017), as músicas de Quelé representam também jongos, que se entende como um ritmo que teve suas origens na região africana do Congo-Angola. No Brasil-colônia, chegou junto aos negros bantos, trazidos como escravos para o trabalho forçado nas fazendas de café do Vale do Rio Paraíba, no interior dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Nesse jongo, *Cangoma me Chamou*, a letra fala de um tambor chamado cangoma (ou angoma) que, no registro da música, avisa o povo escravizado do fim da escravidão (Arrais, 2012). Na atualidade, a música é conhecida como uma ressignificação simbólica do sentimento de liberdade dos homens e mulheres escravizados.

Clementina, negra e neta de uma mulher escravizada, tornou possível que essa canção de Jongo fosse uma ressignificação do sentimento de libertação da escravidão. Para Arrais (2012), Quelé, com seu timbre grave e cru, validando-se de ritmos fortes e de um vocábulo seco, faz o jongo, trazendo o som para seu próprio corpo e se tornando, no registro da música, simbolicamente, o tambor que “pede para o povo levantar porque o cativo acabou”. O vocábulo cativo, em *Disse levanta povo cativo já acabou*,



representa uma noção metonímica para escravidão. Em Martins (2000), ela ocorre quando “a palavra que designa uma realidade A é substituída por outra palavra que designa uma realidade B, em virtude de uma relação de vizinhança” (Martins, 2000, p.102). Certamente, a temática se liga ao momento após Abolição da Escravatura, o que contribui para a consideração é o emprego do *acabou*, conjugado no pretérito perfeito, em que se nota uma ação já finda. Em Cunha e Cintra (1985), compreendemos que a atividade se dá com finalizada, afastando-se do presente a alcançando a intencionalidade discursiva.

A seguir, a transcrição do segundo vissungo presente neste corpus.

Vissungo III

Muriquinho piquinino,

ô parente

muriquinho piquinino

de quissamba na cacunda.

Purugunta onde vai, ô parente.

Purugunta onde vai, pro quilombo do Dumbá.

Ei chora-chora mgongo

ê devera chora, gongo, chora.

Ei chora-chora mgongo ê cambada Chora, gongo, chora.

Na transcrição, observam-se marcas de processos fonéticos relevantes. Em Bagno (2012), os metaplasmos configuram mudanças na estrutura fonética, dividindo-se em grupos, por conta de acréscimos, supressões, transposições ou ainda transformações. Quanto ao termo “purugunta”, tem-se um notável metaplasmo por acréscimo, tendo em vista a colocação de um segmento sonoro no interior da palavra, o que é chamado de epêntese em Bagno (2012). Ainda em Bagno (2012), tal fenômeno fonético desdobra-se em uma modalidade particular a que se pode chamar de suarabácti ou anaptixe. O conceito representa a intercalação de uma vogal para desfazer um grupo de consoantes. O presente teórico ilustra o metaplasmo, por meio do termo “barata”. Com a evolução da língua, o que se chamava de “brata” tornou-se “barata” justamente por conta da adição de um fonema vocálico para desarranjar o encontro consonantal presente.

Em Mendonça (1969), o conceito de saurabácti é atribuído à pronúncia dos negros escravizados. O teórico justifica a hipótese, fazendo alusão ao tratamento semelhante que



sofrem “os grupos consonânticos entre os angolenses que falam quimbundo.” (Mendonça, 1969, p. 123). Em Xavier (2010), encontram-se valiosas informações que justificam o suarabácti, metaplasmo por adição, como uma consequência da transmissão linguística irregular, tal como Lucchesi (2012). Isso ocorre porque a formação do quimbundo, principal língua cantada nos vissungos, contempla a estrutura silábica bastante diferente do português, o que implicou, provavelmente, alterações fonéticas na língua-alvo. Em Xavier (2010), tem-se: “Toda sílaba em quimbundo compreende uma vogal, acompanhada ou não de uma consoante à sua esquerda ou de um glide à direita ou à esquerda. A sílaba em quimbundo é sempre aberta, nunca termina em consoante.” (Xavier, 2010, p. 96).

O presente teórico oferece-nos uma importante observação sobre a composição da fonética do quimbundo, o que facilita compreender a hipótese de suarabácti no termo “purugunta”. Desse modo, o verbo “pergunta”, composto por uma sílaba inicial, terminada com a letra “r”, sofre a adição de um fonema vocálico para desfazer a estrutura do português de modo a aproximar-se da estrutura fonética do quimbundo.

Por esse motivo, em Xavier (2010), encontra-se a fundamentação da ideia traçada acerca do suarabácti “A sílaba canônica no quimbundo apresenta a sequência CV (consoante/ vogal).” (Xavier, 2010, p. 98). Dessa forma, como estratégia de recomposição gramatical, assim como Lucchesi (2012) aponta, os falantes adultos tendem a elaborar fases aproximativas entre as línguas do substrato no processo de aquisição de segunda língua. O presente teórico nos explica que:

os falantes adultos tender a desenvolver estágios aproximativos da LA, denominados de interlíngua, que não se caracterizam apenas por um processo de simplificação dessa língua, mas sobretudo pela criação ou desenvolvimento de um meio básico de comunicação verbal, no qual ocorrem transferências de dispositivos funcionais das línguas nativas dos adquirentes, bem como processos de reanálise dos mecanismos gramaticais da LA. (Lucchesi, 2012, p. 103)



Diante disso, ao desvendar os conceitos de Lucchesi (2012), encontra-se que: “a erosão gramatical da LA, que, nos processos mais radicais de contato, pode levar à eliminação de todo o seu aparato gramatical no momento inicial de sua aquisição como segunda língua por falantes adultos.” (Lucchesi, 2012, p. 102). Convém analisar, ainda, que o suarabácti conta a adição de fonema, por meio de uma assimilação. Em Bagno (2012), a assimilação trata-se da mudança de um segmento sonoro em um segmento igual ou semelhante a outro existente na mesma palavra. Dentro dessa visão, tem-se uma assimilação regressiva, tal como Bagno (2012) postula, tendo em vista que o som assimilador vem depois do assimilado.

CONCLUSÃO

Neste artigo, observou-se que o sistema escravocrata em que o Brasil foi instaurado resultou nas contribuições linguísticas. Por esse motivo, intercorrências históricas devem se fazer presentes na formação do português brasileiro. No século XVI, predominou-se a entrada de indivíduos do Congo e de Angola. Já no XVII, chegaram os africanos, oriundos de Costa da Mina; e, no XVIII, os vindos da baía do Benin, bem como pensa Bonvini (2013). Tais elementos históricos colaboraram para que o português brasileiro se tornasse um reflexo das rupturas sofridas pelas línguas africanas, por meio de um pano de fundo completamente heterogêneo, em que se realizou o contato das expressões linguísticas indígenas, africanas e portuguesas.

Diante desse cenário, os processos de contato massivo e radical entre as línguas, bem como aqueles vistos devido ao colonialismo europeu, durante os séculos XVI ao XIX, organizam-se, por meio de dois movimentos relevantes. O primeiro deles concentra-se na forte erosão gramatical da língua do grupo dominante, entendida assim como língua-alvo ou língua lexificadora. Nesse momento, aos olhos de Lucchesi (2012), forma-se um código emergencial a que se chama de *jargão* ou *pré-pidgin*. Nesse sentido, tais conceitos foram definidos, com base na formação de um vocabulário bastante restrito da língua-alvo, em que o grupo dominado desempenha funções comunicativas básicas.

Ao longo deste estudo, pretendeu-se provar que o pressuposto de que as variedades populares do português brasileiro foram influenciadas pelas mudanças induzidas entre o contato das línguas em sua formação nortearam a proposição de uma “variedade afro” do português, tal como postula Lucchesi (2009). Para sustentar tais concepções, foram levados em consideração quatro argumentos históricos e culturais, a partir da formação étnico-racial brasileira, que



fundamentam a lógica de formação da nossa língua, com base no conceito de transmissão linguística irregular.

A fim de sustentar tal linha de pensamento como pressuposto teórico, foram escolhidos os vissungos, cânticos de origem banto, representam as manifestações dos negros, entoados nas funções laborais da mineração de diamantes. Machado Filho (1985) foi o responsável por introduzir esse termo nos dicionários brasileiros. Desse modo, com base nas origens do Umbundo, a palavra “ocisungo” se traduz como “hino”. Sua forma no plural é “ovisungo”, termo traduzido como canto, música. As manifestações culturais originam-se do estado de Minas Gerais. Como visto, os cânticos suscitam as práticas sociais para suavizar as dores e as angústias da escravização. No corpus desta pesquisa, cinco vissungos foram analisados com o objetivo de demonstrar as construções morfossintáticas, lexicais e fonéticas deixadas pelos povos escravizados. Como se sabe, a escolha pelo gênero deu-se em virtude da origem ligada ao complexo cultural banto. Diante disso, o cancionário teve como objetivo descortinar as estruturas morfossintáticas mais usadas e, posteriormente, convencionadas em nossa língua, ao se considerar a formação do português brasileiro.

Nesta pesquisa, com base em Lucchesi (2012), os escravizados, expostos aos conhecimentos linguísticos do grupo dominante, foram responsáveis por desencadear a transferência deficitária da língua, o que promovia a assimilação de padrões linguísticos dominantes por parte dos dominados. Em contrapartida, o grupo dominado contribuiu, segundo Lucchesi (2012), com a introdução na fala das camadas médias e altas com estruturas criadas, em virtude de mudanças ocorridas nos extratos sociais mais pobres.

Diante dessa trajetória de resistência acadêmica, os esforços desta dissertação foram concentrados no sentido de comprovar as amálgamas dos troncos linguísticos africanos de origem banto na formação do português brasileiro. Dessa forma, não se pode excluir o percurso histórico em que o Brasil foi forjado, o que ocasionou o surgimento da variante “afro” do português, como bem Lucchesi (2012) postula.

Lamentavelmente, ainda em pleno século XXI, são favorecidas narrativas sobre a escravização, no entanto se anula a contribuição imprescindível dos povos africanos, sobretudo de origem banto, já que contam numericamente a origem do maior contingente de afrodescendentes em nossas terras.

Dessa forma, mais uma vez, menciona-se a importância dos vissungos, entendidos como cantos ancestrais entoados pelos escravizados principalmente na região Sudeste, como traços



culturais em que são observadas, com base nas suas transcrições remanescentes, as estruturas morfossintáticas, fonéticas e lexicais, responsáveis pela composição do PB. As visões reiteraram a ideia desta pesquisa, tendo em vista que, por ter sido afetado o português brasileiro, em seu desenvolvimento histórico, pelo contato maciço entre línguas de tronco linguístico banto, as consequências desse processo tornaram-se evidentes nos vissungos, os cânticos de mesma origem que representam as manifestações de afro-brasileiros durante os momentos de força laboral

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, G. M. L. de. **Análise crítica do conceito de derivação**. Linguagem: Revista para estudos de língua e literatura. N. 4/5/6. Ano II e III. Rio de Janeiro: Presença, 1985.
- ARRAIS, Rafael. **Cangoma a chamar**. Blog Textos para Reflexão, Brasil, Maio 2012. Acesso em: 02/10/2018.
- AZEREDO, José Carlos de. Gramática Houaiss da língua portuguesa. São Paulo: Publifolha/ Instituto Antônio Houaiss, 2008.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BAZERMAN, C., **Social Forms as Habitats for Actions**. Santa Barbara: University of California, mimeo, 1994.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática**. 37. ed. Rio de Janeiro. Lucerna, 2002.
- BONVINI, Emílio. **Línguas africanas e português falado no Brasil**. Em: FIORIN, José Luiz, 2013.
- CASTRO, et al. **Quelê, a voz da cor: biografia de Clementina de Jesus**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de Gramática Histórica**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 2011.
- DORIAN, Nancy. **Linguistic and Ethnographic Fieldwork**. In.: FISHMAN, Joshua. Handbook of language and Ethnic identity. New York: Oxford University, 1999.
- LOPES, Nei. **Novo Dicionário Banto do Brasil: contendo mais de 250 propostas etimológicas acolhidas pelo Dicionário Houaiss**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.
- LOPES, Nei. **Dicionário da hinterlândia carioca: antigo “subúrbio” e zona “rural”**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
- LUCCHESI, D. A deriva secular na formação do português brasileiro: uma visão crítica. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 249-274. LUCCHESI, Dante; Baxter, Alan & Ribeiro, Ilza (organizadores). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2012.



LUCCHESI, Dante. Aspectos gramaticais do português brasileiro afetados pelo contato entre línguas: uma visão de conjunto. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Org.). **Português brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Niterói: EDUFF, 2009. p.366-390.

MACHADO FILHO, Aires da M. **O negro e o garimpo em Minas Gerais**. São Paulo: Itatiaia, 1985.